

Coluna do Castello

21 FEV 1988

A nova guerra do fim do mundo

O presidente José Sarney está aparentemente descongestionado com sua decisão de dar a seus adversários combate nos mesmos termos em que vinham sendo feitos os ataques ao seu governo e aos seus amigos. São elas



por elas, e o presidente leva a vantagem de utilizar a cadeia nacional de rádioemissoras numa hora em que sua voz e sua emoção alcançam ainda milhões de pessoas que ouvem nos rádios de pilha quando a caminho do trabalho ou ainda ao lado da família antes de sair de casa. A repercussão política é dada pelo interesse jornalístico que leva a imprensa e as estações de televisão a retransmitir senão a íntegra pelo menos os principais tópicos das catilinárias presidenciais em resposta à ofensiva que procurou prendê-lo ao chão minado de um "mar de lama", isolado dos partidos políticos e amaldiçoado pela opinião pública.

Trata-se por enquanto de uma espécie de batalha de comunicação na qual o presidente leva de saída pelo menos uma vantagem, a de transmitir sua emoção em tópicos indignados à parte pobre, logo a mais numerosa, da população. Seus índices de popularidade nas chamadas classes "c" e "d" devem estar em ascensão, embora na classe média e nas classes ricas a polêmica entre o poder e seus contestadores agrave a perplexidade e o temor de desfechos não desejados da confrontação política. As seis horas da manhã, esses segmentos sociais ainda não estão em condições de ouvir rádios e só políticos inseguros se dão ao vexame de levantar-se às 5 horas para dar um "bom-dia, Brasil" na poderosa TV Globo, ouvida no começo do café da manhã. O presidente, como se sabe, grava de véspera suas falas.

É claro que declarações como a de que "querem pôr fogo neste país" geram impacto não só nos ouvintes matinais, desatentos ao processo político, como no público em geral que vinha sendo mobilizado para ter o Sr. José Sarney na conta do mais frágil ocupante do poder e do menos preparado para enfrentar a cupidéz por benefícios dos que cercam habitualmente um presidente da República e se aproveitam da convivência que lhes é concedida seja a que título for. O Sr. José Sarney identifica intenções e difunde suspeitas sobre os objetivos de agressões desestabilizadoras com as quais acha que pretendem interromper seu governo e ao mesmo tempo mostra-se decidido a enfrentar as campanhas como elas se apresentarem, devolvendo acusações e fazendo saber a quem interessar possa que não renuncia, não se mata nem será deposto. Está consciente de que sua tolerância e seu modo de governar lhe asseguraram o respeito e a confiança das Forças Armadas.

De qualquer forma há uma batalha, numa espécie de nova guerra do fim do mundo, e dentro dela os objetivos a alcançar vão se clarificando. Já se sabe que ficou muito mais difícil para o presidente obter o mandato de cinco anos. Seus correligionários foram, muitos deles, intimidados pela mobilização de opinião pública conduzida tanto à direita como à esquerda, por entidades agressivas e dispostas a promover uma rápida mudança de governo. A perspectiva hoje é de um mandato de quatro anos, chegando-se a admitir novamente a hipótese da introdução do sistema parlamentarista, na realidade a única reforma política que teria efeito real na mudança das estruturas de governo no país. Mas o presidente espera ainda alterar a expectativa atual.

Quanto à sucessão presidencial, o Sr. Ulysses Guimarães, que se definira pessoalmente pelos cinco anos, concluiu que não só seria um risco prolongar o governo do Sr. José Sarney como também que sua oportunidade de chegar por eleição à Presidência da República esgota-se este ano. Em 1989 teria ele "n" adversários dentro do seu próprio partido mas este ano ele teria de disputar sua candidatura somente ao ex-governador Franco Montoro, que, assumindo um papel no grupo *histórico*, tenta impor-se como a alternativa válida eleitoralmente do partido em face da inexperiência do presidente do PMDB em eleições majoritárias. O Sr. Montoro hoje teria dificuldades em levar seu pleito à frente, sobretudo depois que o Sr. Ulysses Guimarães ingressou no plenário da Assembléia com um halo de herói, o "senhor constituinte", sob os aplausos entusiásticos de esquerda, que vinha esgrimindo com ele para constrangê-lo a convocar o Diretório Nacional que o presidente do PMDB não gostaria de ver reunido antes da promulgação da Constituição.

O presidente da Constituinte pagou um preço pelo crescimento do seu prestígio na esquerda e em setores notórios da opinião pública — o de desencadear reação crítica nos meios militares que já o haviam assimilado ao longo do processo de transição. Mas seu ataque aos "três patetas" teve endereço certo e objetivo limitado. Ele visou não às Forças Armadas, mas ao presidente José Sarney, que se considera respaldado na sua ação política e governamental pelo dispositivo militar de que se fez arauto nas críticas à Constituinte. Enfim, é um episódio da sucessão presidencial, que se trava no pressuposto da antecipação para este ano da eleição do futuro presidente da República. O Sr. Ulysses Guimarães teria tudo para ser o candidato do Sr. José Sarney. Hoje isso vai ficando mais difícil, como está se incumbindo de dizer o ministro Antônio Carlos Magalhães, escudeiro e artilheiro disponível na vanguarda do Palácio do Planalto.

Novo livro de Gutemberg

O jornalista Luís Gutemberg, autor do livro *O Jogo da Gata-Parida*, conclui um novo romance cuja trama é armada com personagens oriundos do Palácio do Itamarati

Carlos Castello Branco